

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: a ciência do bem-estar / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-760-4

DOI 10.22533/at.ed.604212801

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde se apresenta como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Dentro dessa perspectiva a Psicologia, como uma ciência do psiquismo, se estrutura em torno da ideia de promover, nos mais variados modos de atuação, um estado de saúde a de no indivíduo e na sociedade.

A Coleção *Psicologia: A Ciência do Bem-Estar* conta com 26 artigos nos quais os autores abordam diversas contribuições da Psicologia à saúde mental e social do sujeito humano.

Nos Capítulos 1 ao 4 os autores discorrem a partir da criação freudiana uma análise do supereu em personagens cinematográficos; discutem a questão do apagamento da mulher lésbica que a estrutura patriarcal e heteronormativa impõe; abordam a causa de algumas marcas que resultam em sofrimento psíquico como a depressão, a drogadição e a autolesão; e evidenciam o estado da sociedade brasileira tomando o cenário atual do Coronavírus (COVID-19) pela marca do desamparo e negacionismo.

Nos Capítulos 5 ao 7 as práticas do atendimento psicológico são levadas à reflexão. Diante do isolamento, se coloca em questão o atendimento online que apresenta muito desafios, além da própria relação médico-paciente nessa modalidade de telemedicina. Retomando o habitual, tem-se a discussão do diagnóstico numa perspectiva mais humanista.

O social entra em questão nos Capítulos 8 ao 14. As discussões abordam a criminalização e uma espécie de contraviolência dirigida à figura do bandido; a proposta de clínica ampliada como medida social de reintegração à população em situação de rua; a discussão sobre os possíveis efeitos do aborto à saúde mental da mulher; a percepção da adolescência pela família, nas questões de iniciação sexual, autolesão, sobrepeso; as contribuições da psicologia na avaliação quanto ao porte de arma; e o impacto subjetivo do diagnóstico do diabetes *mellitus* gestacional.

Nos Capítulos 15 ao 20 é a infância que é tomada como objeto. As pesquisas vão ao encontro das questões do desenvolvimento humano, desde a possibilidade de reabilitação neuropsicológica em crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo; a relação de hierarquia da parentalidade; a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil; o manejo dos Transtornos de Neurodesenvolvimento; a relação das crianças na construção do espaço que vivem; e os fatores de risco para o desenvolvimento de Personalidade Antissocial.

Os últimos Capítulos, do 21 ao 26, são agrupados os trabalhos que abordam técnicas e perspectivas para a promoção do bem-estar. Tem-se a Perspectiva Temporal e a Regulação Emocional; o Colóquio Relacional e o Genograma; o trabalho com a resiliência e

o autocuidado; a busca da felicidade pelo autoconhecimento; o aconselhamento psicológico; e o método restaurativo na saúde mental.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS DIMENSÕES DO SUPEREU EM TRÊS PERSONALIDADES FÍLMICAS

Débora dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6042128011

CAPÍTULO 2..... 12

PATRIARCADO, HETERONORMATIVIDADE E TABU: O APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

Ingrid Freitas da Silva

Raquel Lisboa Tinoco Braga

Erika Conceição Gelenske Cunha

DOI 10.22533/at.ed.6042128012

CAPÍTULO 3..... 26

A ETIOLOGIA PSÍQUICA DAS FORMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO: DEPRESSÃO, RECURSO À DROGA E AUTOLESÃO

Claudia Henschel de Lima

Julia da Silva Cunha

Maria Stela Costa Vliese Zichtl Campos

Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.6042128013

CAPÍTULO 4..... 39

PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

Everaldo dos Santos Mendes

Amanda Marques Pimenta

Alex Junio Duarte Costa

DOI 10.22533/at.ed.6042128014

CAPÍTULO 5..... 56

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS DA PSICOTERAPIA

Adriana Barbosa Ribeiro

Luciane Patrícia Dias da Silva

Eliane Patrícia Ulkovski

DOI 10.22533/at.ed.6042128015

CAPÍTULO 6..... 65

A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: PRINCÍPIOS ÉTICOS E SITUAÇÕES-PROBLEMA

Rafael Nogueira Furtado

Isabela Maria Oliveira Souza

DOI 10.22533/at.ed.6042128016

CAPÍTULO 7..... 74

O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE O DIAGNÓSTICO

Ana Paula de Souza Ferreira Esquivel

Renato Martins Ribeiro

Erika Gelenske

DOI 10.22533/at.ed.6042128017

CAPÍTULO 8..... 92

O QUE O ÓDIO AO(À) 'BANDIDO(A)' TEM A DIZER SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Gabriela Araújo Fornari

Sylvia Mara Pires de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6042128018

CAPÍTULO 9..... 103

GRUPO DE APOIO NA CLÍNICA AMPLIADA PARA OS USUÁRIOS DO CENTRO POP

Karine da Cunha Leou

Marcos Moraes de Mendonça

Kelly Cristina Borges da Silva

Andressa Maria de Oliveira

Fabiana Cabral Gonçalves

Meire Perpétua Vieira Pinto

DOI 10.22533/at.ed.6042128019

CAPÍTULO 10..... 116

OS POSSÍVEIS EFEITOS DO ABORTO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER BRASILEIRA E O PAPEL DA PSICOLOGIA

Erika Conceição Gelenske Cunha

Karina Nunes Tavares Martins

Simone Langanó Figueredo

DOI 10.22533/at.ed.60421280110

CAPÍTULO 11..... 127

PERCEÇÃO DO APOIO FAMILIAR, INICIAÇÃO SEXUAL E AUTOLESÃO NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO UTILIZANDO O HEALTH BEHAVIOR IN SCHOOL-AGED CHILDREN NA REGIÃO AMAZÔNICA NO BRASIL

Maria Letícia Marcondes Coelho de Oliveira

Diego Gómez Baya

Gina Quinás Tomé

Marta Reis

Juliana Maltoni Nogueira

Carmem Beatriz Neufeld

Margarida Gaspar de Matos

Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

DOI 10.22533/at.ed.60421280111

CAPÍTULO 12.....	139
AVALIAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA EM ADOLESCENTE COM SOBREPESO	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Rosicleide Araujo	
Natália Nunes	
Joice Barbosa	
Joice Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280112	
CAPÍTULO 13.....	150
A CONTRIBUIÇÃO DO PSICÓLOGO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA AO PORTE E POSSE DE ARMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Marcela Vieira de Freitas	
Michele Francisca Anteportam dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280113	
CAPÍTULO 14.....	172
IMPACTO SUBJETIVO DO DIAGNÓSTICO DO DIABETES MELLITUS GESTACIONAL	
Mariana da Silva Pereira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280114	
CAPÍTULO 15.....	196
REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA – TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) COM COMORBIDADE DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)	
Juliana Corrêa da Silva	
Jessica Layanne Sousa Lima	
Thais de Lima Alves Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.60421280115	
CAPÍTULO 16.....	209
HIERARQUIA DA PARENTALIDADE E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	
Glauce Fonseca Bragança	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.60421280116	
CAPÍTULO 17.....	222
A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO NO TRATAMENTO DE DOENÇAS CRÔNICAS	
Daniele Amarilha Vioto	
Thalia Zadroski	
DOI 10.22533/at.ed.60421280117	
CAPÍTULO 18.....	226
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PARA O MANEJO DOS TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO	
Rafael Nogueira Furtado	

Juliana Aparecida de Oliveira Camilo

DOI 10.22533/at.ed.60421280118

CAPÍTULO 19.....233

CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS: TECENDO EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DO BAIRRO

Zuleica Pretto

Letícia Teles de Sousa

Renata Polidoro Aguiar

Tatiane Garceis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.60421280119

CAPÍTULO 20.....248

“DE QUEM É A CULPA?” FATORES DE RISCOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Élida da Costa Monção

Ruth Raquel Soares de Farias

DOI 10.22533/at.ed.60421280120

CAPÍTULO 21.....265

PERSPECTIVA TEMPORAL E REGULAÇÃO EMOCIONAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Carlos Eduardo Nórte

Richard dos Santos Ferreira

Luan Felipe de Sousa Dantas

DOI 10.22533/at.ed.60421280121

CAPÍTULO 22.....275

DO COLÓQUIO RELACIONAL E O GENOGRAMA: INSTRUMENTOS PARA UMA ENTREVISTA CLÍNICA

Emilio-Ricci

DOI 10.22533/at.ed.60421280122

CAPÍTULO 23.....289

RESILIENCIA Y AUTOCUIDADO: MIRADA Y ESTRATEGIA PARA UNA VIDA PLENA

Nestor Reyes Rubio

DOI 10.22533/at.ed.60421280123

CAPÍTULO 24.....293

CONHECE-TE A TI MESMO E SÊ FELIZ!

Carlos Fernando Barboza da Silva

DOI 10.22533/at.ed.60421280124

CAPÍTULO 25.....304

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA FORMAÇÃO HUMANA

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.60421280125

CAPÍTULO 26.....	315
MÉTODO RESTAURATIVO E SAÚDE MENTAL: TEMPO, TOQUE, AFETO E DIÁLOGO EM GRUPOS COM DE FADIGA DE EMPATIA	
Miila Derzett	
Felipe Brognoli	
DOI 10.22533/at.ed.60421280126	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	330
ÍNDICE REMISSIVO.....	331

CAPÍTULO 4

PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

Data de aceite: 01/02/2021

Everaldo dos Santos Mendes

Instituto Edith Theresa Hedwing Stein —
ISTEIN
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro — PUC-Rio
Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais — PUC Minas
Amélia Rodrigues — Bahia (Brasil)
<http://lattes.cnpq.br/6102492484900096>

Amanda Marques Pimenta

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais — PUC Minas
Belo Horizonte — Minas Gerais (Brasil)
<http://lattes.cnpq.br/8554574532973252>

Alex Junio Duarte Costa

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais — PUC Minas
Belo Horizonte — Minas Gerais (Brasil)
<http://lattes.cnpq.br/8312744960188894>

Trabalho apresentado ao componente curricular “Tópicos Especiais II: contribuições freudianas para tempos de pandemia” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, ministrado pela Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira.

RESUMO: Partindo da teoria do desamparo de Sigmund Freud, objetivamos analisar os desdobramentos políticos da atual pandemia: coronavírus (COVID-19). Pelo vínculo de pertencimento, estabelecemos uma unidade de espaço: América Latina e Caribe, com o olhar fixo no Estado brasileiro. Por conseguinte, coube-nos eleger uma unidade de ação: os processos de subjetivação de pessoas humanas concretas, que mais têm sofrido com os modos de dominação impostos pelo capitalismo: os *povos indesejados do Sul*. Por este caminho, a nossa pesquisa — qualitativa — delineou-se a partir dos seguintes tipos: teórica, bibliográfica e documental. Nos *povos indesejados do Sul* — vítimas de *um* sofrimento humano injusto, perpetuado pela histórica exploração capitalista, discriminação racial e sexual — identificamos um desamparo psicossocial em ato, que assola a existência humana. No Estado brasileiro, três fenômenos políticos reclamam para si — em uma perspectiva de urgência e cuidado — investigações da psicanálise na contemporaneidade: (1) o “lugar psicanalítico” que o atual chefe de Estado ocupa na psique do povo; (2) a escuta do discurso estatal a partir do “lugar psicanalítico”, que tenciona pôr em descrédito a cultura ocidental; (3) uma espécie de “contágio de massas”, que corresponde — em seu funcionamento — ao contágio do coronavírus (COVID-19).

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Política. Pandemia, Desamparo, *Povos indesejados do Sul*.

ABSTRACT: In this article we start from Sigmund Freud abandonment theory to analyse the political developments of the current pandemic: coronavirus (COVID-19). We established a space unit through the bond of belonging: Latin America and Caribbean, with emphasis on the Brazilian state. Therefore we choose an action unit: the subjective process of concrete human people who have suffered more with the of domination imposed by capitalism: the unwanted south people. In this way our qualitative research had as methodological procedures the theoretical, bibliographical and documentary research. Between the unwanted south people who are victims of an unfair human suffering as a result of the historical capitalist exploitation, racial and sexual discrimination we identified a psychosocial abandonment which plagues human existence. In the Brazilian state, we noticed three political process that involves contemporary psychoanalytical investigation: (1) the “psychoanalytic place” that the corrente head of state occupies in the psyche of the people; (2) listening to state discourse that intends to disqualify Western culture from psychoanalytical perspective; (3) a kind of “mass contagion” which involves as a consequence the coronavirus contagion.

KEYWORDS: Psychoanalysis, Politics, Pandemic, Helplessness, *Unwanted peoples of the South*.

1 | INTRODUÇÃO

[...] É incompreensível, afirmei, que a ideia de transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona. Quanto à beleza da natureza, ela sempre volta depois que é destruída pelo inverno, e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida. Vemos desaparecer a beleza do rosto e do corpo humano no curso de nossa vida, mas essa brevidade lhes acrescenta mais um encanto. Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso [...] (FREUD, 2010, p. 249).

Na década de 1980, instalou-se um “permanente estado de crise” mundo afora. Nas periferias do mundo — de modo singular, América Latina e Caribe —, desvelou-se este fenômeno econômico-político à medida que o neoliberalismo se impôs como a versão esmagadora do capitalismo, sujeitando-as à lógica do setor financeiro. No escrito intitulado **A cruel pedagogia do vírus**, Boaventura de Sousa Santos — sociólogo português contemporâneo — reflete que a ideia de “crise permanente” é um oxímoro. No sentido etimológico, a “crise” é excepcional e passageira. Psicossocialmente, a crise constitui a oportunidade de superação, originando um melhor estado de coisas (SANTOS, 2020).

No eixo do mundo, o objetivo — [a]político — da “crise permanente” é não desejar ser resolvida; o propósito deste objetivo é legitimar a escandalosa concentração de riquezas e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica (SANTOS, 2020).

No século XXI, revela-se decisiva a *voz profética* — outrora ecoada da teologia latino-americana da libertação — de Dom Hélder Câmara:

[...] Não tenhamos ilusões: o mundo conhece muito bem o escândalo. São cristãos, aos menos de origem, aqueles vinte por cento da humanidade que têm em suas mãos os oitenta por cento dos recursos da terra. Que fizemos da Eucaristia? Como conciliá-la com a injustiça, filha do egoísmo? (CÂMERA, 2014, p. 184).

Neste cenário, desvela-se, então, a COVID-19: doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico com variações de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (BRASIL, 2020).

Historicamente, o novo agente do coronavírus — uma família de vírus que causa infecções respiratórias — foi descoberto no dia 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China. Não obstante, os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No ano de 1965, o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa. Na verdade, a maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Na literatura das ciências da saúde, evidenciamos que os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1 (BRASIL, 2020).

Dessarte, novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da pandemia de 2020, é mais agressivo que todas as formas já vistas de coronavírus e já se tornou o mais desafiador agravo à saúde pública mundial do século XXI, vindo a trazer a terrífica quantia de um milhão de pessoas mortas em todo mundo (G1, 2020b). No Estado brasileiro, esta situação revela-se avassaladora: atualmente, mais de 4,5 milhões de pessoas acometidas pela doença e mais de 140 mil mortos. Existe também o problema econômico, em que diversas pequenas e médias empresas fecharam as portas permanentemente e milhares de pessoas ficaram desempregadas, sendo necessária a intervenção do Governo Federal para amparar e fornecer assistência financeira àquelas pessoas que perderam renda e garantir o mínimo existencial caucionado pela Lei neste momento de crise (G1, 2020a; UNA-SUS; 2020).

Não obstante, uma pequena parcela da população brasileira que não é alcançada pelas políticas socioassistenciais e de enfrentamento do coronavírus. São os chamados “invisíveis”. Para o Governo, alguns deles sequer existem. Não há um registro formal dos mesmos. Já outros têm a distinção de possuir um Registro Civil, mas levam o mesmo adjetivo, por viverem em condições extremas de vulnerabilidade; por não possuírem meios para serem vistos e requisitarem ajuda junto ao Estado.

Partido da teoria do desamparo de Sigmund Freud, objetivamos analisar os desdobramentos — políticos — da pandemia [COVID-19], a partir da perspectiva dos processos de subjetivação de pessoas humanas concretas, que mais têm sofrido com as formas de dominação do capitalismo: os *povos indesejados do Sul*. Por este caminho, coube-nos considerar a influência do discurso do mais alto chefe do executivo brasileiro — o Presidente da República — na adesão às medidas de contenção do vírus e no processo

de subjetivação do sujeito no afamado “novo normal” (alcunha dada às medidas sanitárias que deverão perdurar por algum tempo, mesmo após o fim da pandemia). Por esta via, o desenvolvimento do trabalho abarcou a metodologia de pesquisa teórica, bibliográfica e documental.

No delineamento de pesquisa qualitativa, a construção da informação não se apoia na coleta de dados. Pela via teórico-conceitual, segue o curso progressivo e aberto de um processo de construção e interpretação que acompanha todos os momentos da pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

No que diz respeito à pesquisa teórica, a proposta está de acordo com as considerações de González Rey (2010) acerca da teoria, que pode ser analisada como um sistema aberto que, conjuntamente com as representações teóricas mais gerais postas no marco teórico estabelecido; integra as ideias do pesquisador e elementos do momento atual de uma pesquisa. Deste modo, estabelece-se uma tensão permanente entre a teoria inicial apresentada pelo pesquisador e o momento atual de sua pesquisa, o que possibilita o desenvolvimento do modelo de inteligibilidade usado para a produção de conhecimento em cada pesquisa concreta. Tal processo permite afirmar que uma teoria geral cresce e se desenvolve perante os desafios que implicam a produção de novas zonas de sentido.

Na pesquisa bibliográfica, reunimos bibliografias públicas sobre o objeto de estudo em tela (MARCONI; LAKATOS, 2017). Particularmente, a bibliografia selecionada ofereceu-nos meios para uma reflexão crítica da práxis histórica em psicanálise, política e contemporaneidade, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizam de modo suficiente (MANZO, 1971).

Por último, Silva, Damasceno, Martins, Sobral e Farias (2009) referem-se à pesquisa documental como uma investigação científica que fornece um acesso peculiar ao universo investigado; não em interação imediata, mas de modo indireto, por meio do estudo e da pesquisa dos documentos produzidos pelo ser humano. Por este espírito, revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social.

2 | O RETORNO DO SUJEITO AO DESAMPARO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

O ano de 2020 ficará, certamente, marcado no contexto histórico mundial, como o ano em que um vírus foi capaz de parar o mundo, promovendo uma ruptura em nossas certezas, alicerçadas na ciência e na tecnologia, bem como em nosso modo de viver como um todo.

No contexto brasileiro, neste momento, o coronavírus já adoeceu mais de quatro milhões de pessoas, além de já ter atingido a impressionante marca de mais de cento e quarenta mil óbitos, tornando-se a primeira causa de morte no país em 2020. Cabe ressaltar que, como agravante desses elevados números, o Brasil apresenta estatísticas marcadamente subnotificadas pela insuficiência de testes ou impossibilidade de acesso ao serviço de saúde.

Em nosso país, a pandemia é agravada por uma intensa desigualdade social. Assim, conforme afirma Rosana Pinheiro-Machado (2020) em seu artigo para o *The Intercept Brasil*, é preciso olhar e abordar a pandemia do coronavírus também como uma questão social, relacionada à opressão e desigualdade em que vivemos, na medida em que a doença escolhe sim aqueles mais vulneráveis, quando consideramos classe, raça e gênero. Nessa perspectiva, coloca-se a questão de que por que alguns corpos são selecionados, pela via de acesso aos recursos sociais e de saúde, para sobreviver, ao passo que outros são relegados à própria sorte. Tal fato evidencia uma relação da doença tanto com questões de saúde pública quanto a política econômica, as quais precisam caminhar juntas.

Conforme apontado por Butler (2020), o vírus expõe uma vulnerabilidade global, na medida em que, ao mesmo tempo em que aponta a vulnerabilidade de ser prejudicado pelo próprio patógeno ou por outra pessoa em contexto de possibilidades de transmissão e ausência de imunidade, desvela a condição inalienável de interdependência e porosidade de nossas vidas, não apenas no sentido físico, mas também social.

Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. Essa dependência não termina precisamente na idade adulta. Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo. Essa suscetibilidade e porosidade definem nossas vidas sociais corporificadas (BUTLER, 2020, s/p.).

Pensada no contexto de uma vulnerabilidade individual e coletiva, a pandemia nos remete ao conceito desamparo, ao qual somos relançados nesse ambiente de destituição de certezas, rupturas das nossas defesas psíquicas e eclosão, para além do âmbito individual e privado, de um sofrimento profundo com o qual estamos sendo convocados a nos haver em nosso cotidiano. Atualmente, vivemos e precisamos elaborar uma situação coletiva, na qual está posta a questão, apontada por Butler (2020), de que

Não é preciso conhecer a pessoa perdida para afirmar que isso era uma vida. O que se lamenta é a vida interrompida, a vida que deveria ter tido a chance de viver mais, o valor que a pessoa carrega agora na vida dos outros, a ferida que transforma permanentemente aqueles que sobrevivem. O sofrimento de um outro não é o seu próprio, mas a perda que o estranho suporta atravessa a perda pessoal que sente, potencialmente conectando estranhos em luto (BUTLER, 2020, s/p.).

Conforme já apontado por Freud no Projeto para uma psicologia científica, o desamparo é uma experiência primordial que remonta ao apelo ao outro desde às origens do sujeito. A colocação freudiana está alicerçada na constatação de base biológica de que “o bebê não sabe se o que lhe falta é alimento, calor, ou se o incômodo é proveniente de uma dor. A incapacidade de traduzir, de significar e a imaturidade motora colocam o *infans* em uma situação de desamparo, tornando, pois, a intervenção do outro essencial e indispensável (MOREIRA, 2004, p. 114).

O desamparo se apresenta, assim, como uma experiência estrutural para a própria constituição psíquica do sujeito, na medida em que o impulsiona a se abrir para a alteridade que se apresenta como via de saída para a sua sobrevivência. Cabe ao outro interpretar e conter o excesso de excitação que invade o pequeno ser na forma de um incômodo que não encontra alívio, a não ser pela via de outro ser que se põe a confortá-lo.

Conforme apontado por Birman (1999), para além dessa experiência de satisfação, essa prematuridade primordial do organismo humano que chega ao mundo incapacitado para a vida permitiu a Freud, após os anos 1920, elaborar o conceito de pulsão de morte, reformulando o próprio conceito de desamparo, a partir da concepção de um movimento primordial para a morte, no sentido de um retorno ao vazio, à quietude.

Na experiência de satisfação, a máquina psíquica do "prematurozinho", diante do enchimento dos neurônios, busca o esvaziamento, o nada; tudo que visa é livrar-se do excesso energético e voltar ao estado anterior de paz do nada. Esse processo preconiza o conceito de pulsão de morte, que é revelado como a tendência mais primitiva do organismo. A hipótese inicial do desamparo é ressignificada a partir do conceito de pulsão de morte e, assim, o nascimento do sujeito fica condicionado à presença traumatizante e estruturante do outro, que oferece uma saída alternativa para o excesso energético, para além da descarga. O conceito de pulsão de morte aponta para a necessidade fundamental do outro a fim de garantir a vida do sujeito, modificando o princípio da inércia em direção ao princípio da constância (MOREIRA, 2004, p. 121).

Dentro desse contexto, segundo Birman (1999), o conceito de desamparo, reformulado a partir da concepção final da metapsicologia freudiana, pode ser analisado como análogo da propensão originária da natureza humana para a descarga total de todas as excitações, na medida em que o ser não dispõe internamente de meios para domínio dessas. Essa impossibilidade de domínio faz com que as excitações se constituam como um excesso para o organismo. Dentro desse contexto, o ser humano estaria fadado à morte e à quietude se não fosse a presença do outro, que com seus recursos permite construir outros destinos para a força pulsional. Assim, é esse outro que realiza o trabalho de ligação da força pulsional que o pequeno ser não pode realizar sozinho.

De acordo com Rocha (1999), a expressão *Hilflosigkeit* — que designa desamparo em língua e cultura alemã — é muito significativa, sendo composta do substantivo "Hilfe," que remete a auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal "losig," que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação "keit", cujo correspondente em português é a terminação "dade", e indicando, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda — hilflos — sem proteção, sem amparo.

Segundo o autor, não é apenas do ponto de vista biológico que a situação do recém-nascido é emblemática, na medida em que ela também significa uma situação de desamparo diante do desejo do Outro. Essa constatação parece clara para Freud quando, em *Totem e Tabu*, ele anuncia a existência de alguns tabus, criados para proteger culturalmente a criança e o velho, desamparados diante das ameaças do desejo dos outros.

Segundo Birman (2016), a articulação dos conceitos de desamparo e pulsão de morte, uma modalidade de pulsão sem representação e que não se inscreve no circuito de satisfação, caracteriza esse desamparo como insuperável, algo da ordem originária que vai acompanhar a subjetividade humana para todo o sempre.

Assim, o desamparo ressurgiu em situações de ruptura, como a que se colocou para a humanidade a partir da pandemia. Ficamos, assim, novamente diante da experiência do desamparo a partir da qual, segundo Rocha (1999),

[...] o homem penetra o mais íntimo de sua singularidade e faz, na mais nua e completa solidão, a descoberta da contingência e da finitude de sua existência. Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado. Nela o ser humano encontra-se inteiramente só. O desamparado sente-se tão só, como o náufrago perdido na imensidão do mar. A metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra. Mas ela não termina aí, porque, ao mesmo tempo e normalmente, o desamparo abre para a alteridade. Ele é um grito desesperado de ajuda lançado na direção do outro. Quando o grito fica sem resposta, o desamparo torna-se desespero (ROCHA, 1999, p.342).

3 I O CHEFE, A MASSA E O NEGACIONISMO

Em um cenário, em que os cientistas juntamente com as grandes comunidades acadêmicas mundiais não têm uma posição sólida de como prevenir e cuidar daqueles que foram acometidos pelo coronavírus (COVID-19), as incertezas pairam no ar e são cada vez maiores. Na verdade, nossa geração jamais teve a necessidade de lidar com tal possibilidade de morte e nem com as limitações sociais impostas por um vírus tendo, portanto, que elaborar subjetivamente aquilo que é estranho à constituição de sua psique. Por não haver experiência prévia, há a geração de um novo trauma que desorganiza todas as construções subjetivas existentes e a busca por uma nova organização que desencadeia certa aflição durante a tentativa de minimizar os danos a sua estrutura psíquica (BIRMAN, 1999; FREUD, 1921/2013).

No território nacional a situação da população se agrava, uma vez que, frente ao receio do colapso econômico, os governos demonstram, com suas políticas de enfrentamento voláteis, uma desorientação do poder público, tornando as medidas de contenção da pandemia desastrosas (FOLHA DE S. PAULO, 2020a; VEJA, 2020). Assim, hora se apresentam a favor do fechamento total do comércio, noutra fechamento parcial e abertura (FOLHA DE S. PAULO, 2020a). Ademais, existe uma briga acalorada entre os entes federativos sobre de quem é o dever, a atribuição e os custos acarretados pelo fechamento e abertura, sendo necessária, por diversas vezes, a intervenção da justiça para dar solução provisória aos conflitos (AGÊNCIA BRASIL, 2020; FOLHA DE S. PAULO, 2020a; VEJA, 2020).

Diante dessa volatilidade de enfrentamento ao coronavírus pelo poder público e os embates políticos que emergem nessa situação, o desalento e as incertezas ficam mais espessos e tomam conta da população, que já não consegue confiar nas autoridades nacionais e internacionais (VEJA, 2020; HOJE EM DIA, 2020). Isto posto, o processo de elaboração individual e social de concepções acerca da pandemia e como se proteger dela fica mais difícil, já que não existem pareceres consistentes das autoridades competentes que poderiam contribuir para esse trabalho pessoal, cabendo ao indivíduo e sua comunidade “digerir” uma enorme quantidade de informações e, a partir daí, criar seu próprio olhar sobre a situação atual.

Uma das elaborações possíveis e que se vê neste cenário pandêmico com alguma frequência é a formação de um pensamento coletivo, que tem como um dos seus principais meios para dar conta da experiência psíquica, o negacionismo. Frente a isso, o atual Presidente brasileiro emerge nesse cenário, fazendo um papel imprudente, ao se posicionar de forma alheia ao problema do coronavírus, difundindo informações com pouca ou nenhuma evidência científica, buscando de forma rotineira desmoralizar o próprio conhecimento produzido no mundo acadêmico acerca da pandemia, dando soluções simplórias e culpando as demais autoridades políticas e mídias de notícias pelo enorme alarde que, segundo ele é sem propósito, além de responsabilizá-las pela recessão econômica brasileira advinda da paralização da produção e do comércio (FOLHA DE S. PAULO, 2020b; O GLOBO, 2020).

Destarte, diante do discurso do Presidente do Brasil, figura que representa a mais alta autoridade executiva do país e é inspiração para milhões de pessoas, diversos cidadãos brasileiros começaram a banalizar a doença e todo risco que ela pode representar. A desídia com a própria saúde se tornou comum, afinal, é só “uma gripezinha” – replicando a fala da Presidência da República em um pronunciamento em rede nacional acerca do tema - negando os fatos que são constatados dia após dia. Consequentemente, as medidas de isolamento social que são até então a melhor forma de evitar o contágio e a proliferação da doença são ignoradas por grande parte dos brasileiros e o país já é o segundo do mundo com maior número de casos absolutos de acometidos e de mortes. Mas, qual a verdadeira relação desse discurso do chefe do executivo federal com a inobservância da população para com as medidas de contenção do coronavírus?

Refletir sobre o impacto do discurso de um chefe no pensamento coletivo é algo complexo, pois envolve fatores de ontogênese diversificada, tendo características individuais e coletivas que fazem o grupo se consolidar como um, tomando identificações com o seu guia (FREUD, 1921/2013; TELLES, 2015). Frente a isso, para compreender os impactos causados pelas falas do Presidente brasileiro que trivializam a pandemia para seu povo e o atual cenário brasileiro marcado pela displicência popular, recorre-se ao livro de Freud intitulado “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2013) que traz uma abordagem da Psicanálise frente a grupos, buscando avaliar como os indivíduos se comportam nesse e os

motivos que os levam a renunciar seus instintos mais primitivos de autoproteção em prol de um pensamento grupal que comungam com um líder que os inspiram, sendo supostamente capaz de levá-los a um objetivo em comum.

A identificação do grupo com o chefe causa “atos elevados de renúncia” (FREUD, 1921/2013, p. 24), que o indivíduo jamais seria capaz se isolado, sendo que esses atos são passíveis de levar o sujeito a uma moralização pela massa, negligenciando a sua própria saúde e vida em prol de um ideal grupal, ofuscando seu narcisismo individual e ódio constitutivo do outro (FREUD, 1921/2013). Pensar em tais níveis de renúncia das mais primitivas formas de autopreservação, faz questionar o que mantém a massa coesa em um pensamento coletivo que, por vezes, pode fazer o indivíduo trazer a violência para si mesmo, negligenciando a sua própria segurança e saúde.

Freud (1921/2013) fala que nada nas massas é premeditado, obedecem apenas a impulsos inconscientes e não há espaço para pensamentos bem elaborados, existindo um imediatismo que é oriundo dos pensamentos de onipotência advindos da força grupal e, por isto, não há necessidade de esperar ou de temer algo. A dúvida e a incerteza não existem dentro deste elo, ora pois, são desprovidos de pensamento crítico e apenas agem sob impulso e na crença da autoridade de um chefe que saberá como os guiar (FREUD, 1921/2013; TELLES, 2015). Desta forma, Freud (1921/2013) consuma sua obra, afirmando que é o Eros (amor) o que faz a permanência da coesão grupal em prol dos pensamentos da massa e do líder, sendo este a forma mais primitiva de amor que, inibida de seus objetivos sexuais, seria capaz de criar o mecanismo de identificação, o qual por si só garante as renúncias desmedidas dos membros do grupo.

A ideia de um pensamento coletivo para lidar com problemas que partem da ordem grupal para a individual faz com que o sujeito se abstenha da elaboração subjetiva de como conceber e tratar o problema, buscando se poupar do desgaste psíquico acarretado, cabendo ao líder/chefe pensar por todos (FREUD, 1921/2013; TELLES, 2015). Destarte, a dissolução do pensamento individual para o compartilhamento de ideias coletivas pode contribuir para alentar o indivíduo em seu momento de incerteza, e o negacionismo do mais alto governo executivo brasileiro contagia as massas populacionais que estão movidas pelo desespero da necessidade de reorganização estrutural psíquica, fazendo com que neguem a realidade que está posta e questionem as evidências científicas, o que culmina trazendo certo alento.

Esse dispositivo de negação aparece remetendo ao desamparo infantil do indivíduo e faz um contraponto à ciência, na medida em que os dados dela já não são suficientes para garantir a informação. Assim, o chefe aparece como defensor do coletivo e de toda a subjetividade desse grupo, encarna o papel do Pai da velha infância, que é aquele onisciente que tem a verdade absoluta sobre tudo e, portanto, de como devolver a sensação de segurança e de controle das coisas para seus filhos que o clamam (BIRMAN, 1999; FREUD, 1921/2013; TELLES, 2015).

A posição preocupante e ao mesmo tempo alentadora do governo federal faz um duplo papel que, em primeiro momento, dispensa a população de pensar e elaborar sobre a doença, fazendo a função do Pai-chefe que, dotado de uma autoconfiança, de que tudo sabe, vai dando soluções simples e fáceis sobre o problema do coronavírus, procurando confortar os filhos-seguidores, relativiza a gravidade da doença e também outorga certa liberdade para o indivíduo continuar ignorando a pandemia, criando uma negação da realidade e, frente a isto, os desobrigando temporariamente a ter que se a verem com o trauma psíquico da avassaladora doença, deixando também uma aparente sensação de que se, eventualmente, o indivíduo tenha lidar com as questões oriundas do COVID-19, esse chefe irá estender-lhe a mão e o auxiliar em todo o processo.

Contudo, em segundo plano, a posição ocupada pelo gestor federativo traz factualmente uma perigosa renúncia a saúde individual e coletiva dele e de seus seguidores, o que afeta todo o país onde, por haver uma negação e relativização dos fatos e, por isso, não temer a quaisquer consequências, adentra-se no “limbo coletivo” batendo recordes negativos dia após dia frente a Pandemia do Coronavírus.

4 | A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS *POVOS INDESEJADOS DO SUL*

[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidarmos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2014, p. 174).

No curso do trabalho psicanalítico, qualquer quarentena é sempre discriminatória. Do ponto de vista psicossocial, mais dolorosa para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é possibilitar a quarentena ao conjunto da população (SANTOS, 2020). Magistralmente, Sigmund Freud reflete:

[...] A vida humana em comum se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo. Então o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. Tal substituição do poder do indivíduo pela comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite. Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo [...] (FREUD, 2011, p. 40).

Psicossocialmente, esta investigação alcançou outros grupos, para os quais a quarentena do capitalismo revela-se singularmente dolorosa: os pobres — os indesejados (MENDES, 2020) —, por quem a psicanálise do século XXI pode fazer uma “opção preferencial” (MARTÍN-BARÓ, 2011). Tais grupos compõem o fenômeno psicossocial a que Santos (2020) chama de “Sul”:

[...] Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual [...] (SANTOS, 2020, p. 15).

Particularmente, a quarentena ofende mais as mulheres: “as cuidadoras do mundo” (SANTOS, 2020, p. 15). Profissionalmente, destacam-se em profissões como psicologia, medicina, enfermagem e serviço social *etc.*, atuando na linha da frente da prestação de cuidado (*cura*) e práticas sociais pessoas a doentes e idosas, dentro e fora das instituições: “[...] São elas também que continuam a ter a seu cargo, exclusiva ou maioritariamente, o cuidado das famílias [...]” (SANTOS, 2020, p. 16).

No cenário do coronavírus (COVID-19), a violência contra as mulheres tende a aumentar, destacando-se no espaço doméstico. No dia 26 de março, o jornal francês **Le Figaro** noticiou — com base em informações do Ministério do Interior — que as violências conjugais tinham aumentado 36% em Paris na semana anterior (SANTOS, 2020). Neste cenário, preocupa-nos ainda a possibilidade de o suicídio aparecer “[...] como um último recurso para resolução de alguma dificuldade pessoal [...]” (AMARANTE, 2020, p. 16).

Nas periferias do mundo, depois de quarenta anos de ataque aos direitos dos trabalhadores por parte das políticas neoliberais, o grupo de trabalhadores informais (autônomos) predomina, apesar das diferenças — significativas — de cada Estado. Não podemos deixar passar despercebido que o setor de serviços — onde abundam — será uma das áreas mais afetadas pela quarentena (SANTOS, 2020).

[...] No dia 23 de março, a Índia declarou a quarentena por três semanas, envolvendo 1,3 mil milhões de habitantes. Considerando que na Índia entre 65% e 70% dos trabalhadores pertencem à economia informal, calcula-se que 300 milhões de indianos ficaram sem rendimentos. Na América Latina, cerca de 50% dos trabalhadores empregam-se no sector informal. Do mesmo modo, no caso do Quênia ou Moçambique, devido aos programas de reajustamento estrutural dos anos 1980-90, a maioria dos trabalhadores é informal [...] (SANTOS, 2020, p. 16).

É evidente, pois, que os trabalhadores informais dependem de um salário diário. Mesmo os que possuem emprego formal gozam de poucos benefícios contratuais. Por parte da Organização Mundial de Saúde — OMS, a recomendação para trabalhar em *home office* parece impraticável, porque obriga os trabalhadores a preferir ganhar o pão diário a ficar em casa e passar fome. Na opinião de Santos (2020), as recomendações da OMS parecem ter sido elaboradas para a classe média, que constitui uma pequeníssima fração da população mundial. “[...] Morrer de vírus ou morrer de fome, eis a opção” (SANTOS, 2020, p. 17).

No caso concreto trabalhadores de rua, um grupo singular dos trabalhadores informais, o “negócio” — a subsistência — depende exclusivamente da dinâmica da rua, de quem nela passa e da sua decisão, sempre imprevisível para o vendedor ambulante, de parar e comprar alguma coisa (SANTOS, 2020).

Nas cidades do mundo, a quarentena assola as pessoas sem-abrigo, que passam as noites nos viadutos, nas estações de metrô ou de comboio abandonadas, nos túneis de águas pluviais ou de esgoto. Nos EUA chamam-lhes os *tunnel people* (SANTOS, 2020).

[...] Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 mil milhões de pessoas não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas [...] (SANTOS, 2020, p. 18).

Na América Latina e no Caribe, as pessoas habitam na cidade, mas com os direitos à cidade negados. Periféricamente, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade (SANTOS, 2020).

De acordo com os dados das Organização das Nações Unidas — ONU, as pessoas internadas em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente, somam 70 milhões. No que tange à propagação do coronavírus, os perigos serão fatais, ainda mais dramáticos do que os que enfrentam as populações das periferias pobres (SANTOS, 2020).

[...] No Sudão do Sul, onde mais de 1,6 milhão de pessoas estão deslocadas internamente, são necessárias horas, se não dias, para chegar às unidades de saúde, e a principal causa de morte é muitas vezes evitável, causada por doenças para as quais já há remédios: malária e diarreia. No caso dos campos de internamento às portas da Europa e dos EUA, a quarentena causada pelo vírus impõe o dever ético humanitário de abrir as portas dos campos de internamento sempre que não for possível criar neles as mínimas condições de habitabilidade e de segurança exigidas pela pandemia (SANTOS, 2020, pp. 19-20).

No século XXI, as pessoas com deficiência têm sido vítimas de outra forma de dominação, além do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado: o capacitismo. Trata-se da forma como a sociedade contemporânea as discriminam, não reconhecendo as suas necessidades especiais, não lhes facilitando acesso à mobilidade e às condições que lhes permitiriam desfrutar da vida política como qualquer outra pessoa. Na vivência intersubjetiva, as limitações impostas socialmente fazem com que as pessoas com deficiência se sintam vivendo em quarentena permanente (SANTOS, 2020).

Particularmente numeroso no Norte global, o grupo das pessoas idosas é, em geral, um dos grupos mais vulneráveis, mas a vulnerabilidade não é indiscriminada. No caso concreto do Norte global, as condições de vida prevaletentes levaram a que boa parte das pessoas idosas fosse depositada em lares, casas de repouso, asilos. Santos (2020) mostra que, de acordo com as posses próprias ou da família, esses alojamentos podem ir de cofres de luxo para joias até depósitos de lixo humano. No seio do mundo, a lista dos indesejados em processo de subjetivação a Sul da quarentena está longe de ser exaustiva. Não obstante, Rudolf von Ihering diz que o fim do direito é a paz e o meio para atingi-lo é a luta:

Todo direito existente no mundo foi conquistado mediante a luta. Os mais importantes postulados do direito tiveram que ser primeiramente extraídos do combate contra seus oponentes e todo direito — o direito de um povo bem como aquele de um indivíduo — pressupõe uma disposição contínua para a luta rumo à sua afirmação. O direito não constitui um simples conceito — é força viva. Eis a razão porque vemos Justiça segurando numa mão a balança por meio da qual o direito é pesado e na outra a espada por meio da qual o direito é defendido [...] (IHERING, 2001, p. 25).

Nas interfaces entre psicanálise e política — tecidas em tempos de coronavírus (COVID-19) —, consideramos que a espada sem a balança é força bruta, ao passo que a balança sem a espada é a impotência do direito e do Estado (IHERING, 2001).

Na pena de Aristóteles — “poeta soberano” (ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia** — Inferno, Canto IV, 88) —, “[...] a justiça é a base da sociedade. Chama-se julgamento a aplicação do que é justo [...]” (ARISTÓTELES, **A política**, I, I, § 11).

No século XXI, a questão decisiva para a espécie humana — descortinada no cenário da COVID-19 — é saber se, em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida intersubjetiva — comunitária — pelos instintos humanos de agressão e autodestruição (FREUD, 2011).

Nos últimos dias da humanidade, os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último ser humano, ereto sobre a Terra (FREUD, 2011). “[...] Dei’ stá [...]” (ROSA, 2015, p. 361), eles sabem do que estamos dizendo. De tudo isto surgem, então: desossesgo, infelicidade, medo — desamparo. Na opinião de Sigmund Freud, cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais” — o eterno Eros — empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal (FREUD, 2011).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vida política, a psicanálise pode descentrar sua atenção de si mesma, despreocupar-se com seu *status* científico e social e propor-se a um serviço eficaz para atender as necessidades dos pobres, psicossocialmente indesejados. No cenário do coronavírus (COVID-19), a questão mais importante que confrontam as grandes majorias latino-americanas e caribenhas é a sua situação de miséria opressiva, sua condição de dependência absoluta — marginalizante — que lhes impõe uma existência inumana e lhes arrebatava a capacidade para definir a sua vida concreta (MARTÍN-BARÓ, 2011).

No que tange os processos de subjetivação, a COVID-19 agrava uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeitada, alcançando — em grande escala, singularmente na América Latina e no Caribe — os grupos que compõem o fenômeno psicossocial a que Santos (2020) chama de “Sul”: as mulheres (“as cuidadoras do mundo”); os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos (na América Latina, cerca de 50%

dos trabalhadores); os trabalhadores de rua ou vendedores ambulantes (camelôs); os sem-abrigo ou populações de rua (no EUA, *tunnel people*); os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, barriadas, *slums*, caniço *etc.* (25% da população mundial); os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente (70 milhões, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas — ONU); as pessoas com deficiência, singularmente deficiência mental; as pessoas idosas; as pessoas encarceradas (SANTOS, 2020).

Para os povos indesejados do Sul, diferentemente do que é veiculado pelos *media* e pelas organizações internacionais, a quarentena do capitalismo não só os torna mais visíveis como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento psíquico imerecido (SANTOS, 2020).

No século XXI, a humanidade, sobretudo no que tange às pessoas mais fragilizadas, encontra-se novamente remetida a uma condição de desamparo, que ultrapassa os limites do individual, acometendo a sociedade contemporânea como um todo. Trata-se, aqui, não de um desamparo estrutural, mas de uma condição na qual fomos relançados a partir do abalamento de nossas certezas e da falta de uma estrutura social coesa capaz de nos guiar no percurso ainda obscuro desta pandemia. No Brasil, esta situação aparece ainda mais marcada por uma condição política ainda mais desestabilizadora, na medida em que, por meio de seu negacionismo, dificulta ainda mais o estabelecimento de laços sociais capazes de conter esta onda devastadora.

Portanto, no Estado brasileiro, frente as dificuldades financeiras de um país emergente que já estava em crise antes mesmo da pandemia, a situação é agravada pela tribulação política, resistências individuais e desídio coletivo ao não admitir a gravidade da doença, que ganham o reforço do discurso presidencial que banaliza a temática do coronavírus. Alguns brasileiros relutam em admitir o estado de calamidade da saúde pública evocando, por vezes, alegações que se referem aos direitos e garantias constitucionais chegando ao ponto de questionarem os decretos municipais e estaduais de políticas sanitárias para enfrentamento à pandemia, argumentando que é a federação que deve versar sobre o tema, chegando ao ponto de virar objeto disputa judicial e, posteriormente, solucionado pelo Superior Tribunal Federal (STF), o qual declarou que a autonomia dos entes federativos deve ser respeitada conforme estabelece a Carta Magna brasileira (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Por fim, tais circunstâncias se tornam acentuadas ao verificar que as medidas sanitárias de contenção do Estado e o auxílio financeiro emergencial fornecido pelo governo não atinge a todos que necessitam, alguns sequer têm meios para solicitá-lo, diversas pessoas em situação de miséria ficam ainda mais vulneráveis já que o distanciamento foi pensado para as classes médias e não são efetivamente aplicáveis para a faixa mais pobre da população que encontram dificuldades de conseguir informações e têm a necessidade de se colocarem em risco para conquistar o alimento diário.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **AGU recorre ao Supremo para que o isolamento obedeça regras federais.**

Agência Brasil, Brasília, 14 abr. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-04/agu-recorre-ao-supremo-para-que-isolamento-obedeça-regras-federais>> Acesso em: 25 set. 2020.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia.** Trad. Ítalo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

AMARANTE, L. R. de F. A. **Narrativas de mulheres jovens que tentaram suicídio.** Dissertação [Mestrado em Psicologia] — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ARISTÓTELES. **A política.** Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2009.

BIRMAN, J. A dádiva e o outro: Sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. **Physis:** Revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, p. 9-30, 1999.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é o coronavírus?** Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doença#o-que-e-covid>>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

BUTLER, J. Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. [Entrevista cedida a George Yancy], Tradução de César Locatelli. **Carta Maior**, 04 de maio, 2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditorial%2FPelo-Mundo%2FJudith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades%2F6%2F47390#.XrSetWilhAU.facebook>>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

CÂMARA, H. A eucaristia, exigência de justiça social. In: BOSELLI, G. Liturgia e amor pelos pobres. In: _____. **O sentido espiritual da liturgia.** Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. Isolamento total e prolongado vai dizimar pequenas e médias empresas, diz dono da CNN Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 mar. 2020a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/isolamento-total-e-prolongado-vai-dizimar-pequenas-e-medias-empresas-diz-dono-da-cnn-brasil.shtml>> Acesso em: 04 set. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. 'Efeito Bolsonaro' sobre alta nos casos de coronavírus surpreende pesquisadores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 out. 2020b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/efeito-bolsonaro-sobre-alta-nos-casos-de-coronavirus-surpreende-pesquisadores.shtml>> Acesso em: 16 out. 2020.

FREUD, S. A transitoriedade (1916). In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O mal-estar na civilização.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. **Psicologia das massas e a análise do eu.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

G1. Brasil passa de 140 mil mortos por coronavírus, aponta consórcio de veículos de imprensa.

G1, São Paulo, 25 set. 2020a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/25/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-25-de-setembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>> Acesso em: 25 set. 2020.

G1. Dois milhões de mortes por coronavírus são 'muito prováveis' se países não agirem contra a pandemia, diz diretor da OMS. **G1**, São Paulo, 25 set. 2020b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/25/dois-milhoes-de-mortes-por-coronavirus-sao-muito-provaveis-se-paises-nao-agirem-contra-a-pandemia-diz-diretor-da-oms.ghtml>> Acesso em: 25 set. 2020.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Trad. Marcel Aristides Ferrara Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage, 2010.

HOJE EM DIA. Mais da metade da população não confia nos números sobre a Covid divulgados pelo governo. **Hoje em dia**, Belo Horizonte, 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/mais-da-metade-da-populacao-nao-confia-nos-numeros-sobre-a-covid-divulgados-pelos-governos-1.792215>> Acesso em: 05 out. 2020.

IHERING, R. von. **A luta pelo direito**. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2001.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MANZO, A. J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis**. 2. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1973.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma psicologia da libertação. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA JÚNIOR, F. (Orgs.). **Psicologia social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2011.

MENDES, E. S. **O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da “comunidade estatal” na contemporaneidade**. 2020. Tese [Doutorado em Teologia] — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MOREIRA, J. de O. A alteridade como experiência originária: o desamparo. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.36, p.107-123, 2004.

O GLOBO. Após 150 mil mortes no Brasil, Bolsonaro diz que pandemia de Covid-19 foi “superdimensionada”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 out. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/apos-150-mil-mortes-no-brasil-bolsonaro-diz-que-pandemia-de-covid-19-foi-superdimensionada-24691421>> Acesso em: 16 out. 2020.

PINHEIRO-MACHADO, R. Coronavírus não é democrático: pobres, precarizados e mulheres vão sofrer mais. **The Intercept Brasil**, 17 de março de 20. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/17/coronavirus-pandemia-opressao-social/>.

ROCHA, Z. Desamparo e Metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. **Síntese**, Belo Horizonte, v.26, n.86, p.331-346, 1999.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, L. R. C., DAMACENO, A. D., MARTINS, M. C. R., SOBRAL, K. M., FARIAS, I. M. S. Pesquisa documental: alternativa investigativa na atuação docente. in IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, III Encontro brasileiro de psicopedagogia. Paraná: PUCPR, 2009.

UNA-SUS. Fiocruz faz 120 anos diante do maior desafio do século 21. **UNA-SUS**, Brasília, 25 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/fiocruz-faz-120-anos-diante-do-maior-desafio-do-seculo-21>> Acesso em: 25 set. 2020.

VEJA. Estados e municípios se dividem sobre a manutenção da quarentena. **Veja**, São Paulo, 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/estados-e-municipios-se-dividem-sobre-a-manutencao-da-quarentena/>> Acesso em: 05 out. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 188, 189, 279
Aconselhamento Psicológico 222, 223, 225
Adolescência 22, 32, 120, 124, 125, 127, 128, 129, 134, 136, 137, 148, 149, 220, 221, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 276
Apagamento Lésbico 12, 13, 23, 24
Aspectos Psicológicos 65, 79, 142
Atendimento Psicológico 56, 58, 61, 64
Autoconhecimento 285, 293, 294, 302, 315, 321, 323, 324, 325
Autocuidado 67, 105, 177, 178, 190, 191, 194, 203, 204, 289, 290, 291, 292, 324, 325
Autolesão 26, 27, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 127
Avaliação Psicológica 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 273

C

Comportamento Sexual 127, 128, 129, 130, 137
Compreensão Diagnóstica 74, 75, 82, 89, 90
Comunicação 57, 58, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 112, 128, 129, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 227, 229, 281, 283, 284, 285, 304, 329
Criminalidade 92, 93, 101, 119, 124, 264

D

Deficiência Intelectual 196, 199, 200, 201, 202, 205, 208
Depressão 2, 3, 17, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 37, 59, 70, 104, 124, 143, 147, 192, 216, 258, 268, 299, 301, 327
Desamparo 21, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 122
Diagnóstico 26, 27, 66, 69, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90, 155, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 248, 250, 251, 254, 255, 256, 259, 261, 262, 264, 327
Direitos Humanos 68, 92, 121

E

Entrevista Clínica 275, 276, 277
Estruturas Clínicas 1
Existencialismo 92, 98, 233, 234, 247, 298

F

Família 8, 12, 18, 21, 22, 23, 41, 50, 65, 70, 71, 82, 97, 103, 104, 110, 111, 120, 130, 135, 136, 166, 178, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 235, 239, 240, 242, 260, 261, 263, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 284, 285, 287, 299, 314, 320, 323

G

Genograma 275, 278, 279, 280, 281, 282

Gestação 119, 122, 124, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 195, 259, 263

Gestalt-Terapia 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 90, 91

Grupo de Apoio 103, 105, 106, 107, 109, 113

H

Heteronormatividade 12, 13, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 95

Heterossexualidade Compulsória 12, 13, 15, 16, 25

Hierarquia Familiar 209

I

Infâncias 233, 236, 238, 239, 244

L

Lesbianidade 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24

M

Materialismo Histórico-Dialético 226, 227, 228

Modelo Relacional-Sistêmico 275, 276, 277, 285

Mudança 9, 56, 58, 59, 61, 62, 82, 86, 95, 97, 109, 146, 152, 209, 210, 212, 224, 234, 269, 275, 276, 281, 283, 302, 313, 318, 323, 324

N

Neuropsicologia 196, 205, 206, 207, 232

Novas Tecnologias 56, 61, 62, 63

P

Pandemia 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 54

Patriarcado 12, 13, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 50

Percepção de Apoio Familiar 128, 130

Personalidades Fílmicas 1, 5, 9

Política 13, 15, 20, 21, 22, 24, 39, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 68, 69, 73, 79, 96, 104, 105,

109, 114, 192, 230, 295, 297, 329

População em Situação de Rua 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115

Porte de Armas 97, 102, 150, 151, 152, 166

Princípios Éticos 63, 65, 66, 68, 131

Psicanálise 9, 10, 11, 12, 14, 16, 25, 26, 27, 33, 38, 39, 42, 46, 48, 51, 53, 59, 64, 75, 162, 298, 330

Psicofarmacologia 196

Psicologia Escolar e Educacional 226, 227, 230

Psicopatologia 18, 26, 27, 28, 31, 37, 72, 83, 90, 259, 260

Psicoterapia Online 56, 58, 59, 60, 61, 62

Pulsão de Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 44, 45

Q

Qualidade de Vida 68, 104, 141, 147, 178, 191, 196, 203, 204, 205, 207, 225, 272, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 324, 327, 328

R

Reabilitação 94, 196, 199, 203, 204, 205, 207, 222, 223, 328, 329

Regulação Emocional 265, 268, 269, 270, 272, 274

Relação Médico-Paciente 65, 66, 67, 68, 69

Resiliência 289, 290, 291, 292

S

Saúde 13, 21, 24, 28, 32, 34, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 58, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 84, 99, 103, 104, 105, 106, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 154, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 203, 204, 205, 208, 220, 222, 223, 224, 225, 242, 251, 254, 260, 263, 264, 265, 269, 272, 273, 277, 294, 300, 315, 316, 317, 319, 320, 324, 326, 328, 329

Supereu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 25

T

Telemedicina 65, 72

Transtornos do Neurodesenvolvimento 226, 230

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021